

DANÇA

18, 19 MAIO 2018

Cristina Planas Leitão

UM [unimal]

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção artística e coreografia Cristina Planas Leitão **Interpretação** Daniela Cruz
Desenho de luz e direção técnica Cárin Geada **Sonoplastia** Flávio Rodrigues
Desenho do espaço sonoro Pedro Lima **Apoio dramaturgício** Catarina Miranda e Victor Hugo Pontes
Figurino Micaela Larisch e Cristina Planas Leitão **Objetos cenográficos** Emanuel Santos
Consultores danças sociais e urbanas Anaísa Lopes e Vitor Fontes **Consultores de marcha** Rui Collaço e Luís Jorge **Convidadas da conversa "Resistência no feminino"** Sónia Baptista, Joana Machado, Ana Cristina Vicente e Maira Zenun **Aconselhamento e apoio na comunicação** Joana Ferreira
Produção executiva Célia Machado e Cristina Planas Leitão **Difusão** Teresa Camarinha
Registo fotográfico Susana Neves **Registo vídeo** Sofia Arriscado **Agradecimentos** Filipa Lowndes Vicente, Joana Gorjão Henriques, Gil Mendo, Ivan-Vincent Massey, Pedro Neves, Ana Renata Polónia, Mariana Jacob, Musibéria, Jesper de Neergaard, Lotte Kodod Ludvigsen, Lars Kjær Dideriksen, Paulo Meunier e Sérgio Pacheco/Endutex **Coprodução** Culturgest, Teatro Municipal do Porto e Teatro Aveirense **Coapresentadores** Teatro Académico de Gil Vicente, Casa das Artes de Famalicão e Teatro das Figuras **Residências e apoio à criação** MD Kollektiv (Colónia), Dance Ireland (Dublin), Teatro Nacional São João, Centro Danza Canal (Madrid), Materiais Diversos/Grand Studio Brussels, O Espaço do Tempo, Bora Bora (Aarhus), Companhia Instável, NAVE (Santiago), 23Milhas/ Câmara Municipal de Ílhavo
Apoio Financeiro Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes e Fundação Calouste Gulbenkian
Apoio Institucional Ministério da Cultura, Direção Regional de Cultura do Norte/Casa das Artes

Sex 18, sáb 19 de maio

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h · M14

Conversa pós-espetáculo

Sáb 19 maio · Duração: 45 min.

Com: Filipa Lowndes Vicente
(investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa),
Cristina Planas Leitão, Daniela Cruz
e Cárin Geada

Olhando para o início do processo, parti da ideia de Sobrevivência para começar a minha pesquisa. Desde cedo este tema central se desdobrou mas é algo que permanecesse no processo e na peça como um fio condutor. Esta noção de sobrevivência começou a ser abordada pela escolha da intérprete fazendo todo o sentido para mim, no seguimento do meu trabalho anterior *FM [featuring mortuum]*, convidar a Daniela Cruz para interpretar este solo. Na peça anterior, sobre a morte e a efemeridade do teatro, a mesma intérprete permanecia imóvel, desempenhando um papel de *featuring*, uma participação especial que, pela persistência do não-movimento e passividade, se tornou no objeto central da peça. Neste novo trabalho sabia que queria colocá-la no papel oposto da hiper-mobilidade, mantendo-a num eixo central. Este conceito de Sobreviver reportou-me de imediato à noção de sobrevivência através do corpo, através do movimento, através da dança, colocando questões como: precisamos de nos mexer para sobreviver?

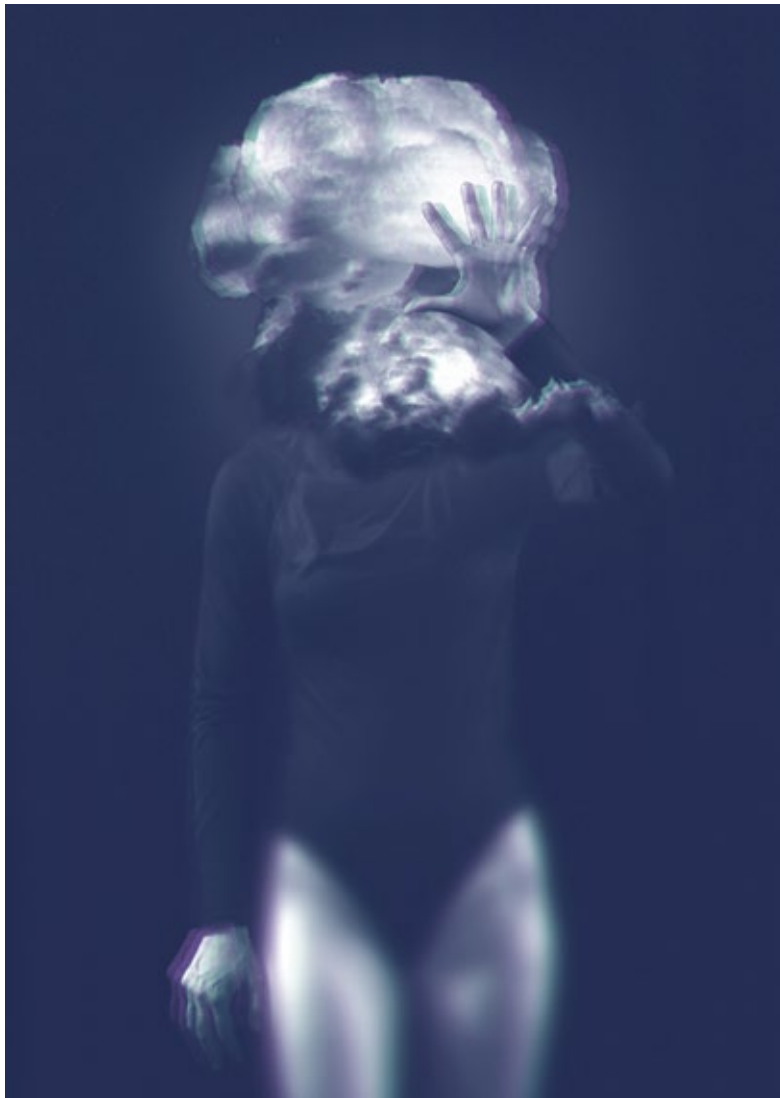
Que lugar teve então a dança na nossa sobrevivência? De que forma os movimentos sociais e políticos são considerados dança? Qual é o movimento de hoje que associamos à Sobrevivência? Este fio condutor, subdivide-se assim em dois sub-temas: a subsistência, após um desaparecimento (relação com *FM [featuring mortuum]*) e a permanência de costumes de épocas passadas, através da pesquisa de movimentos de resistência (políticos e sociais). Da palavra Movimento no seu grande espectro e Resistência surge, então, na pesquisa o trabalho a partir de binómios: movimentos de resistência / movimentos resistentes ou danças resistentes / resistência na dança, o domar / ser domado, o domesticar / ser domesticado, etc.

Para mim, o movimento é e sempre será caminhar. Iniciei esta pesquisa em simultâneo às caminhadas intermináveis dos refugiados, às marchas contra Trump, e o caminhar assumiu um papel relevante nesse pensamento sobre a sobrevivência, quase como um movimento virtuoso de e com todos. Neste trabalho específico transformei o caminhar em marchar, enfatizando a noção de autoridade e de luta, de bater o pé, de invasão, de colonização, sendo a Marcha usada tanto para libertar e manifestar como para oprimir e invadir. Esta “marcha” passa, durante a peça, por um desdobramento quase antropológico de danças a 120 bpm constantes, desde samba, *vogue*, *house*, *shuffle*, *rave*, todas elas, representando movimentos de resistência específicos do seu tempo até se tornar num corpo manifesto de ritmo, pulsação, reverberação, tentativa.

A noção de resistência é abordada no *continuum* do ritual em si, na sua preparação e no processo. A peça é um treino assistido. Um ensaio é uma exibição de um para um. A presença de uma voz de comando que se mantém durante toda a peça representa isso mesmo: um poder instituído e instalado que é inicialmente audível por todos e se torna silencioso para os demais mas que afeta e altera o que vemos à nossa frente através de instruções *in-ear*, revelando uma ordem de ensaio, uma noção de consentimento. De que forma um corpo de um intérprete não é (ou não era?) um corpo colonizado?

A crueldade da indiferença, a crueza da ordem, a violência da resistência, o silêncio do intérprete, o trabalho, o suor, o conforto do espectador, o virtuosismo da simplicidade, a presença do poder, são pontos importantes na peça. Não é possível desconectar poder de resistência bem como não é possível dissociar fisicalidade da noção de sobrevivência.

Cristina Planas Leitão



Cristina Planas Leitão

Porto, 1983. Licenciada em Dance Performance pela ArtEZ – Hogeschool voor de Kunsten em Arnhem (Holanda), em 2006. De 2007 a 2012, colabora com a coreógrafa Gabriella Maiorino da Dansmakers Amsterdam. Desde então foi intérprete de Isabelle Schad (Alemanha), Flávio Rodrigues no Ballet Contemporâneo do Norte (BNC), Vloeistof (Holanda), Catarina Miranda e Marco da Silva Ferreira.

Como ensaiadora, trabalhou com Hofesh Shechter (2012-2014) e Gregory Maqoma (2015) para a Companhia Instável. Em 2015, é uma das artistas convidadas para *The Porto Sessions* – um projeto desenvolvido por Meg Stuart / Damaged Goods e Mezzanine. No Porto, foi uma das iniciadoras dos Encontros desNORTE (2011-2017) e criou o projeto *Conquering the studio: a time for research*, para o BCN e Companhia Instável. Desde 2016, coordena o *Aquecimento Paralelo* para o Teatro Municipal do Porto e em 2017 integra a equipa de mediação de públicos no contexto do Festival DDD. Em 2010, é uma das 50 artistas escolhidas por David Zambrano para os *50 Days of Flying Low and Passing Through in Costa Rica*, fazendo parte do único grupo certificado para ensinar e desenvolver essas técnicas. Desde então, tem lecionado internacionalmente – uma atividade pedagógica que mantém em paralelo com a coreográfica. Em 2012, em cocriação com Jasmina Krizaj criam *The Very Delicious Piece* – uma peça produzida no contexto da rede

européia Modul Dance. Seguidamente cocriam *The Very Boring Piece* em coprodução com o Hellerau, Dresden. Em 2014, desenvolvendo a sua própria autoria, estreia o solo *bear me* e em 2016 cria a peça *FM [featuring mortuum]*. No mesmo ano, com uma versão XL da *The Very Delicious Piece*, é finalista, juntamente com Jasmina Krizaj e um elenco de oito intérpretes, no Danse Élargie 2016 – Théâtre de la Ville (Paris). O seu trabalho tem sido apresentado internacionalmente em locais como: Hellerau – Europäisches Zentrum der Künsten (Dresden), The Place (Londres), Théâtre de la Ville, Triskelion Arts (Nova Iorque), I like to watch Too no Julidans Festival (Amesterdão), Malta Festival (Polónia), Plesni Teater e Stara Mestna Elektrarna (Ljubljana), Maribor 2012 Capital Europeia da Cultura (Eslovénia), No_Body Festival (Chipre), Teatro Municipal do Porto, GUIDance Festival (Guimarães), BoxNova / CCB, Festival Cumplicidades, Centro de Arte de Ovar, Cine-Teatro Louletanto e Teatro Municipal de Faro.

É diretora artística da Bactéria Associação Cultural desde 2015. O seu corpo de trabalho está documentado na série *Portugal que Dança* (2017), criada para a RTP2.

Daniela Cruz

Porto, 1985. Completou o curso vocacional na Escola de Dança Ginásiano. Em 2003, foi estudar para a Holanda e obteve a licenciatura no programa de Dança, especialização Intérprete, na Codarts, em 2007. Desde então,

trabalhou na Holanda como *freelancer* com vários coreógrafos, nomeadamente na Companhia Krisztina de Châtel, Massimo Molinari, David Middendorp, Irena Misirlic, Corneliu Ganea, Liat Magnezy, Mateja Bucar, Valasia Simeon, Jagoda Bobrowska. Em 2013, regressou a Portugal e trabalhou com: Marco da Silva Ferreira (*Land(e)scape*) no âmbito do Festival Imaginarius, Victor Hugo Pontes (*Fall e Se alguma vez precisares da minha vida, vem e toma-a*), Joana Providência (*Sem legendas, Inquietações e Vestígio*), Cristina P. Leitão (*FM [featuring mortuum]*) e *UM [unimal]*), Jonathan Saldanha e Catarina Miranda (*O poço*), André Braga e Claudia Figueiredo / Circolando (*Espírito de lugar 1.0, 2.0 e 3.0, Derivas e Climax*) e com Nuno M. Cardoso (*Lulu*). Em 2012, paralelamente à sua carreira de intérprete, iniciou a sua atividade como coreógrafa e até à data fez seis criações: *Tipping Point* (colaboração com Glória Ros), *Diamonds on the Crown, bitter-sweet, 7 minutos em atraso, Forging e What if...* Foi assistente de coreografia / encenação dos seguintes criadores: Ana Figueira, numa remontagem de *Segredo*, um projeto para bailarinos e surdos; Marco da Silva Ferreira, em *Escalada de Hu(r)mano*, para uma apresentação na Cidade Europeia do Desporto 2015, em Loulé; na nova criação da Companhia Instável, *La nuit tout les chats sons gris*, com os coreógrafos convidados Nicolas Cantillon e Laurance Yadi; Joana Providência, num projeto de comunidade para a inauguração da exposição de George Dussaud, em Bragança. Estreou-se

como assistente de produção em 2013, na Companhia Instável. Desde 2012, leciona aulas de Dança Contemporânea no Ginásio, na Companhia Instável (Porto), ACE – Academia Contemporânea do Espetáculo e outros locais como formadora convidada.

Cárin Geada

Lamego, 1991. Formada em 2010 na ACE no curso de Luz e Som. Desde então, tem vindo a trabalhar essencialmente na área da Iluminação para espetáculos de teatro, dança e música ao vivo, tendo já trabalhado com diversas companhias e instituições, tais como Casa da Música, Teatro Nacional de São João, Teatro Nacional D. Maria II, Fundação de Serralves, Centro Cultural Vila Flor, Teatro do Campo Alegre, Hardclub, Teatro do Bolhão, entre outras. Participação em alguns trabalhos como *stage manager* nas últimas três edições do Festival Serralves em Festa e também com a banda Pé na Terra. Licenciada em Produção e Design de Cenografia na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), em 2014. Em 2015, inicia assistência ao desenhador de luz Nuno Meira. Atualmente é a diretora técnica do Teatro do Bolhão e dos espetáculos *António Cleópatra e Entrelinhas*, do encenador Tiago Rodrigues / Teatro Nacional D. Maria II.

Flávio Rodrigues

Vila Nova de Gaia, 1984. Atualmente, reside no Porto. Tem formação em Dança pelo Ginásio (1996),

Balletteatro Escola Profissional (2003), Dance Works Rotterdam (2005) e pelo Núcleo de Experimentação Coreográfica (2008). Frequentou o curso de Intervenção Pública e Criação de Obras *Site-specific* na Universidade Lusófona (2009), o curso de Dj na escola Bimotor (2015) e a pós-graduação em Arte Contemporânea da ESAP (2016). Em 2012, participa nos encontros Les Réperages / Danse à Lille e integra, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a residência coreográfica Correios em Movimento / Dança em Trânsito, no Rio de Janeiro.

Desde 2006 que desenvolve os seus projetos pessoais (performances, filmes, instalações, paisagens sonoras, intervenções públicas) apresentando-os em diferentes contextos: *CATÁLOGO*, 2008; *Starveling (The rite of spring)*, 2012; *RARA*, 2014; e *MAGMA*, 2018, são alguns dos títulos. Colaborou como intérprete, músico ou figurinista em projetos com diferentes criadores tais como Né Barros, Isabel Barros, Joclécio Azevedo, Vítor Rua, Tânia Carvalho, Joana Castro, Bruno Senune, Elisa Worm, Mariana Amorim, Teresa Prima, Radar 360 e Cristina Planas Leitão.

Foi intérprete da companhia Ballet Contemporâneo do Norte entre 2009 e 2014.

É coprogramador do Festival Corpo+cidade, desde 2014.

Filipa Lowndes Vicente

Investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, doutorou-se na Universidade de Londres,

em 2000, com uma tese que deu origem ao livro *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do Século XIX* (2003). É autora de vários artigos e livros, tais como: *Outros Orientalismos: A Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*, publicado em Portugal (2009), na Índia e em Itália (2012), e *Arte Sem História: Mulheres e Cultura Artística, séculos XVI-XX* (2012). Em 2014, editou um livro com a participação de trinta autores *O Império da Visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, resultado de um projeto de investigação da FCT que coordenou. Em 2015, publicou *Entre Dois Impérios. Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)* (Tinta da China) e, em 2016, editou o catálogo da exposição que também comissariou, no Porto e em Matosinhos, sobre *Aurélia de Sousa, Mulher Artista (1866-1922)* (Tinta da China).

Os seus temas de investigação centram-se nos séculos XIX e XX: história intelectual e cultural; produção de conhecimento, escrito, visual, material em contextos coloniais; história da Índia Colonial, portuguesa e britânica; relações entre género e colonialismo; a história das culturas do parto e da maternidade; o lugar das mulheres enquanto autoras e criadoras em vários contextos históricos e a história de coleções, museus, exposições, viagens e fotografia.

Próximo espetáculo

Ensemble Darcos e Nuno Côrte-Real

Mosaico

Ensemble Darcos © Rui Mergulho



Música Dom 27 de maio

Galerias · 19h30 · Duração: 1h · M6

A realizar-se na rampa que dá acesso às Galerias da Culturgest, fabuloso espaço acústico de convergência e descoberta, este concerto apresentará um mosaico da nova música portuguesa contemporânea, com três estreias absolutas e duas revisitações de obras já escritas.

Próximo espetáculo de dança

Vera Mantero

As Práticas Propiciatórias dos Acontecimentos Futuros

Integrado no Alkantara Festival

© Ernesto Sousa, 1968 · Coleção Isabel Alves / DGPC / ADF



Dança Ter 29, qua 30, qui 31 de maio

Palco do Grande Auditório · 21h30 (qui 19h)

Duração aproximada: 1h · M14

O espetáculo trabalha o que Ernesto de Sousa dizia procurar na arte popular: uma arte de soluções formais em vez de simples repetição de padrões. Espetáculo integrado no Alkantara Festival.

Conselho Diretivo

Presidente

José Ramalho

Administradores

Mark Deputter (Direção Artística)

Manuela Duro Teixeira

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Catarina Medina

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

